

# Heidi

por

JOHANNA SPYRI



## Capítulo I – Indo para os Alpes

A pequena velha cidade de Mayenfeld está graciosamente situada. Caminhar por ela leva por verdes, bem arborizadas passagens para o pé das colinas que olham para baixo imponentemente sobre o vale. Ao pé da montanha o caminho muda burscamente de direção e sobe direto até o topo; com sua grama curta, respiramos o suave perfume das pastagens e da vegetação.

Numa clara e ensolarada manhã de junho, uma alta e vigorosa garota da região da montanha escalou o caminho estreito, levando uma pequena garota pela mão. As bochechas da menina mais nova estavam brilhando apesar de sua pele morena. Não era de se admirar, visto que apesar do calor de junho, a menina estava empacotada como que para o pior inverno. Ela podia ter uns 5 anos, mas seu verdadeiro tamanho desaparecia sob um acúmulo de roupa.: dois vestidos, um sobre o outro, um grosso lenço de algodão vermelho crusado por cima, e grossas

botas de montanha com espinhos na sola; a pobre pequena estava sufocada e tinha muita dificuldade em andar.

Fazia cerca de uma hora que as duas viajantes tinham começado a subir o caminho quando chegaram à aldeia de Dörfli, localizada a meio caminho do topo; era a aldeia natal da jovem menina, então ela logo ouviu ser chamada de todos os lados; as janelas abertas, as mulheres apareceram em suas portas, todas queriam detê-la no processo e trocar algumas palavras com ela. Mas ela não parou em lugar nenhum, contentou-se em responder saudações e perguntas, e só diminuiu o passo quando chegou em frente a uma casa isolada no final da aldeia. Uma voz chamou-o pela porta aberta:

- Deta, espere um pouco! E vou com você, se você vai um pouco mais longe.

- Você está cansada, Heidi? Deta perguntou à criança.

- Não, mas com calor. Ela respondeu.

- Nós devemos chegar em uma hora se você apertar o passo e subir com toda a sua força. Assim a menina mais velha tentava encorajar a pequena companheira.

Uma mulher robusta e de aparência agradável saiu da casa e se juntou às duas. A criança havia se levantado e ido atrás dos velhos conhecidos, que imediatamente começaram a fofocar sobre seus amigos da vizinhança e sobre as pessoas da aldeia em geral.

- "Para onde você está levando a criança, Deta?" perguntou o recém-chegado. "Ela é a criança que sua irmã deixou?"

- "Sim", assegurou-lhe Deta; "Vou levá-la para o Tio dos Alpes e lá quero que ela fique."

- "Você não pode realmente querer levá-la lá, Deta. Você deve ter perdido o juízo, para ir até ele. Tenho certeza que o velho vai te mostrar a porta e nem vai ouvir o que você diz. "

- "Por que não? Como ele é avô dela, é mais do que hora de fazer algo pela criança. Cuidei dela até este verão e agora me foi oferecido um bom lugar. A criança não me impedirá de aceitá-lo. Eu te digo isso! "

- "Não seria tão difícil, se ele fosse como os outros mortais. Mas você o conhece. Como ele poderia cuidar de uma criança, especialmente uma tão pequena? Ela nunca vai se dar bem com ele, tenho certeza! — Mas me fale de suas perspectivas. "

- "Estou feliz por não ser a criança!" exclamou Bárbara com um arrepio. "Ninguém sabe nada sobre a vida do velho lá em cima. Ele não fala com uma alma vivente, e de um ano para o outro ele se mantém afastado da igreja. As pessoas saem do seu caminho quando ele aparece uma vez a cada doze meses aqui embaixo entre nós. Todos temos medo dele e ele é realmente igual a um pagão ou um velho índio, com aquelas sobrelhas grossas e grisalhas e aquela enorme barba estranha. Quando ele vagueia pela estrada com sua bengala retorcida, todos temos medo de nos encontrar com ele sozinho."

- "Não é minha culpa", disse Deta com teimosia. "Ele não fará nenhum mal a ela; e se deveria, ele é o responsável, não eu."

- "Eu gostaria de saber o que está pesando na consciência do velho. Por que seus olhos são tão ferozes e por que ele mora aí sozinho? Ninguém nunca o vê e nós ouvimos muitas coisas estranhas sobre ele. Sua irmã não lhe contou nada, Deta?"

- "Claro que sim, mas vou segurar minha língua. Ele me faria pagar por isso se eu não o fizesse."

Bárbara há muito estava ansiosa para saber algo sobre o velho tio e por que ele vivia separado de todos. Ninguém disse uma palavra boa a seu respeito e, quando as pessoas falavam sobre ele, não falavam abertamente, mas como se estivessem com medo. Ela não conseguia nem explicar para si mesma por que ele era chamado de Tio dos Alpes. Ele não poderia ser tio de todas as pessoas da aldeia, mas como todos falavam dele assim, ela fez o mesmo. Bárbara, que morava na aldeia apenas desde seu casamento, ficou feliz em receber algumas informações

de sua amiga. Deta fora criada lá, mas desde a morte de sua mãe tinha ido embora para ganhar seu sustento.

Ela segurou o braço de Deta confidencialmente e disse: "Eu queria que você me contasse a verdade sobre ele, Deta; você sabe de tudo, as pessoas só fofocam. Digame, o que aconteceu com o velho para virar todo mundo contra ele assim? Sempre odiou seus semelhantes? "

- "Não sei dizer se ele sempre o fez, e isso por um bom motivo. Ele, com sessenta anos e eu apenas vinte e seis, não pode esperar que eu lhe dê um relato de sua juventude. Mas se você prometer manter isso para si mesma e não deixar todas as pessoas em Prätiggan falando, eu posso te contar muitas coisas. Minha mãe e ele vieram de Domleschg."

- "Como você pode falar assim, Deta?" Bárbara respondeu em tom ofendido. "As pessoas não fofocam muito em Prätiggan, e sempre posso guardar as coisas para mim, se for preciso. Você não vai se arrepender de ter me contado, garanto!"

- "Tudo bem, mas mantenha sua palavra!" disse Deta em advertência.

Então ela olhou em volta para ver que a criança não estava tão perto deles a ponto de ouvir o que poderia ser dito; mas a menina não estava em lugar nenhum. Embora as duas jovens conversassem tanto, não notaram sua ausência; deve ter passado um bom tempo desde que a menina desistiu de seguir seus companheiros. Deta, parada, olhou em volta para todos os lados, mas não havia ninguém no caminho, que exceto por algumas curvas, era visível até a aldeia.

- "Lá está ela! Você não pode vê-la aí?" exclamou Bárbara, apontando para um ponto a uma boa distância do caminho. "Ela está subindo com o pastor de cabras Pedro e suas cabras. Eu me pergunto por que ele está tão atrasado hoje. Devo dizer que nos cai bem; ele pode cuidar da criança enquanto você me conta tudo sem ser interrompido."

- "Será muito fácil para Peter vigiá-la", comentou Deta; "ela é brilhante para os seus cinco anos e mantém os olhos bem abertos. Tenho notado isso muitas vezes e

estou feliz por ela, pois será útil com o tio. Ele não tem mais nada no mundo inteiro, exceto sua cabana e duas cabras! "

- "Ele já vez mais coisas?" perguntou Bárbara.

- "Devo dizer que sim. Ele era herdeiro de uma grande fazenda em Domleschg. Mas tentando bancar o homem rico, ele logo perdeu tudo com a bebida e jogos. Seus pais morreram de tristeza e ele próprio desapareceu daqui. Depois de muitos anos ele voltou com um menino meio crescido, seu filho, Tobias, esse era o nome dele, tornou-se carpinteiro e revelou-se um sujeito quieto e firme. Muitos rumores estranhos circulavam sobre o tio e acho que foi por isso que ele deixou Domleschg por Dörfli. Reconhecemos o parentesco, a avó de minha mãe sendo uma prima dele. Nós o chamávamos de tio e, como somos parentes do meu pai com quase todas as pessoas do vilarejo, eles também o chamavam de tio. Ele passou a ser chamado 'Tio dos Alpes' quando se mudou para o Alpe."

- "Mas o que aconteceu com Tobias?" perguntou Bárbara ansiosamente.

- "Apenas espere. Como posso te contar tudo de uma vez?" exclamou Deta. "Tobias era um aprendiz em Mels, e quando ele foi feito mestre, ele voltou para casa na aldeia e se casou com minha irmã Adelheid. Eles sempre se gostaram e viviam muito felizes como marido e mulher. Mas sua alegria durou pouco. Dois anos depois, quando Tobias estava ajudando a construir uma casa, uma viga caiu sobre ele e o matou. Adelheid teve uma febre violenta de dor e medo, e nunca se recuperou disso. Ela nunca tinha sido forte e muitas vezes sofria de feitiços estranhos, tanto que não sabíamos se ela estava acordada ou dormindo. Apenas algumas semanas após a morte de Tobias, eles enterraram a pobre Adelheid.

"As pessoas diziam que o céu puniu o tio por seus crimes. Após a morte de seu filho, ele nunca falou com uma alma viva. De repente, ele mudou-se para os Alpes, para viver ali em inimizade com Deus e os homens.

"Minha mãe e eu levamos a filhinha de Adelheid, Heidi, para morar conosco. Quando fui para Ragatz, levei-a comigo; mas na primavera a família cujo trabalho eu havia feito no ano passado veio de Frankfurt e resolveu levar-me para sua casa na cidade. Estou muito feliz por conseguir uma posição tão boa."

- "E agora você quer entregar a criança a este velho terrível. Eu realmente me pergunto como você pode fazer isso, Deta!" disse Bárbara com reprovação na voz.

- "Acho que já fiz bastante pela criança. Não sei mais para onde levá-la, pois é muito pequena para vir comigo a Frankfurt. A propósito, Bárbara, para onde você vai? Já estamos na metade do caminho para o Alpe."

Deta apertou a mão de sua companheira e ficou parada enquanto Bárbara se aproximava da minúscula cabana marrom-escura, que ficava em uma depressão a poucos passos do caminho.

Situada no meio do caminho para o Alpe, a cabana felizmente estava protegida dos fortes ventos. Se tivesse sido exposta às tempestades, teria sido uma habitação duvidosa no estado de decadência em que se encontrava. Mesmo assim, as portas e janelas sacudiram e as velhas vigas balançaram quando o vento sul varreu o lado da montanha. Se a cabana ficasse no topo de Alpe, o vento a teria jogado vale abaixo sem muito barulho quando chegasse a estação das tempestades.

Aqui vivia Pedro, o pastor, um menino de onze anos de idade, que diariamente buscava as cabras na aldeia e as conduzia montanha acima até a grama curta e luxuriante das pastagens. Pedro desceu correndo à noite com as cabrinhas de pés leves. Quando ele assobiava forte por entre os dedos, todos os donos vinham buscar sua cabra. Esses proprietários eram na sua maioria meninos e meninas e, como as cabras eram amigáveis, não os temiam. Esse era o único momento que Pedro passava com outras crianças, o resto do dia os animais eram seus únicos companheiros. Em casa morava sua mãe e uma velha avó cega, mas ele só passava tempo na cabana para comer o pão e o leite no café da manhã e o mesmo repasto no jantar. Depois disso, ele procurou sua cama para dormir. Ele sempre saía de manhã cedo e à noite chegava tarde em casa, para ficar com os amigos o maior tempo possível. Seu pai sofrera um acidente há alguns anos; ele também era chamado de Pedro, o pastor de cabras. Sua mãe, cujo nome era Brígida, era chamada de "esposa do pastor de cabras Pedro" e sua avó cega era chamada por velhos e jovens de muitos quilômetros apenas de "avó".

Deta esperou uns dez minutos para ver se as crianças vinham atrás com as cabras. Como não conseguiu encontrá-las em lugar nenhum, ela subiu um pouco mais para ter uma visão melhor do vale de lá, e olhou de um lado para o outro com marcas de grande impaciência no semblante.

Enquanto isso, as crianças subiam lentamente em zigue-zague, Pedro sempre sabendo onde encontrar todos os tipos de bons pastos para suas cabras, onde poderiam mordiscar. Assim, eles se perderam de um lado para o outro. A pobre menina seguia o menino apenas com o maior esforço e ofegava com suas roupas pesadas. Ela estava tão quente e desconfortável que só escalou usando toda sua força. Ela não disse nada, mas olhou com inveja para Peter, que pulava com tanta facilidade em suas calças leves e os pés descalços. Ela invejava ainda mais as cabras que escalavam arbustos, pedras e rampas íngremes com suas pernas delgadas. De repente, sentando-se no chão, a criança tirou rapidamente os sapatos e as meias. Levantando-se, ela desfez o pesado lenço e os dois vestidinhos. Ela escorregou sem mais delongas e se levantou com apenas uma anágua leve. Em puro deleite com o alívio, ela ergueu os braços, que estavam nus até as mangas curtas. Para evitar o trabalho de carregá-los, sua tia a vestira com suas roupas de domingo por cima das roupas de trabalho. Heidi arrumou seus vestidos ordenadamente em uma pilha e juntou-se a Pedro e as cabras. Ela agora estava tão leve quanto qualquer um deles. Quando Pedro, que não tinha prestado muita atenção, a viu de repente em sua luz resplandecente, ele sorriu. Olhando para trás, ele viu a pequena pilha de vestidos no chão e então sorriu ainda mais, até que sua boca parecia ir de orelha a orelha; mas ele nunca disse uma palavra.

A criança, sentindo-se livre e confortável, começou a conversar com Pedro, e ele teve de responder a muitas perguntas. Ela perguntou a ele quantas cabras ele tinha, e para onde as conduzia, o que ele fazia com elas quando chegava lá, e assim por diante.

Por fim, as crianças chegaram ao topo em frente à cabana. Ao ver o pequeno grupo de alpinistas, Deta gritou estridentemente:

- "Heidi, o que você fez? Que aparência é esta? Onde estão seus vestidos e seu lenço? Desapareceram os sapatos novos que acabei de comprar para você, e as novas meias que eu mesma fiz? Onde está tudo, Heidi? "

A criança calmamente apontou para baixo e disse "Lá".

A tia seguiu a direção de seu dedo e avistou uma pequena pilha com um pequeno ponto vermelho no meio, que ela reconheceu como o lenço.

- "Criança azarada!" Deta disse animadamente. "O que tudo isso significa? Por que você tirou todas as suas coisas?"

- "Porque eu não preciso delas", disse a criança, não parecendo nem um pouco arrependida de seu feito.

- "Como você pode ser tão estúpida, Heidi? Você perdeu a cabeça?" A tia continuou, em um tom misto de irritação e censura. "Quem você acha que vai descer lá para buscar essas coisas de novo? É uma caminhada de meia hora. Por favor, Pedro, desça e pegue-as. Não fique parado olhando para mim como se estivesse grudado no lugar."

- "Já estou atrasado", respondeu Pedro, e levantou-se sem se mover do lugar onde, com as mãos nos bolsos das calças, testemunhara o violento surto da tia de Heidi.

- "Aí está você, parado e olhando, mas isso não vai te levar mais longe", disse Deta. "Eu vou te dar isso se você descer." Com isso, ela segurou uma moeda de cinco centavos sob seus olhos. Isso fez com que Pedro se assustasse e com muita pressa desceu correndo o caminho mais reto. Ele voltou em tão pouco tempo que Deta teve que elogiá-lo e lhe deu sua moedinha sem demora. Ele raramente conseguia esse tesouro e, portanto, seu rosto estava radiante e ele, rindo, jogou o dinheiro no fundo do bolso.

- "Se você for até o tio, como nós, pode carregar a mochila até chegarmos lá", disse Deta. Eles ainda tinham que escalar uma subida íngreme que ficava atrás da cabana de Pedro. O menino prontamente pegou as coisas e seguiu Deta, o braço esquerdo segurando o pacote e o direito balançando a vara. Heidi pulava alegremente ao lado dele com as cabras.

Depois de três quartos de hora, eles alcançaram a altura em que a cabana do velho se erguia sobre uma rocha proeminente, exposta a todos os ventos, mas banhada pela luz do sol. De lá, pode-se olhar para o fundo do vale. Atrás da cabana havia três velhos abetos com grandes galhos peludos. Mais para trás, as velhas rochas cinzentas se erguiam altas e íngremes. Acima deles, podia-se ver pastagens verdes e férteis, até que finalmente as pedras rochosas alcançaram os penhascos íngremes e nus.

Olhando para o vale, o tio fizera para si um banco, ao lado da cabana. Aqui ele estava sentado, com o cachimbo entre os dentes e as mãos apoiadas nos joelhos. Ele observou em silêncio as crianças subindo com as cabras e tia Deta atrás delas, pois as crianças já a haviam alcançado há muito tempo. Heidi chegou primeiro ao topo e, aproximando-se do velho, estendeu a mão para ele e disse:

- "Boa noite, avô!"

- "Bem, bem, o que isso significa?" respondeu o velho com uma voz áspera.

Dando-lhe a mão por apenas um momento, ele a observou com um olhar longo e penetrante sob suas sobrancelhas espessas. Heidi o encarou de volta com um olhar sem piscar e o examinou com muita curiosidade, pois ele era estranho de se olhar, com sua espessa barba grisalha e sobrancelhas peludas, que se encontravam no meio como um matagal.

Nesse tempo, a tia de Heidi havia chegado com Pedro, que estava ansioso para ver o que aconteceria.

- "Bom dia, tio", disse Deta ao se aproximar. "Esta é a filha de Tobias e Adelheid. Você não será capaz de se lembrar dela, porque a última vez que a viu ela mal tinha um ano de idade."

- "Por que você a traz aqui?" perguntou o tio e, voltando-se para Pedro, disse: "Afasta-te e traz as minhas cabras. Já estás atrasado!"

Pedro obedeceu e desapareceu na hora; o tio olhou para ele de tal maneira que ele ficou feliz em ir.

- "Tio, trouxe a menina para você ficar com ela", disse Deta. "Eu fiz minha parte nestes últimos quatro anos e agora é sua vez de cuidar dela."

Os olhos do velho arderam de raiva.

- "De fato!" ele disse. "O que eu devo fazer, quando ela começar a reclamar e chorar por você? Crianças pequenas sempre fazem isso, e então eu estarei desamparado."

- "Você vai ter que cuidar disso!" Deta retrucou. "Quando o bebezinho ficou nas minhas mãos, há alguns anos, tive que descobrir como cuidar do pequeno inocente eu mesma e ninguém me disse nada. Eu já tinha a mãe nas mãos e havia muito o que fazer. Você não pode me culpar se eu quiser ganhar algum dinheiro agora. Se você não pode ficar com a criança, você pode fazer com ela o que quiser. Se ela vier a se machucar você é o responsável, e tenho certeza que você não quer ainda mais peso na sua consciência. "

Deta falara mais emocionada do que pretendia, só porque sua consciência não estava bem limpa. O tio havia se levantado durante suas últimas palavras e agora ele a olhou com tal olhar que ela recuou alguns passos. Estendendo o braço em um gesto de comando, ele disse a ela:

- "Fora com você! Vá embora! Vá para onde você veio e não se arrisque a aparecer de novo por aqui!"

Deta não precisou ouvir duas vezes. Ela disse "adeus" a Heidi e "adeus" ao tio, e começou a descer a montanha. Como o vapor, sua excitação parecia impeli-la para a frente e ela desceu correndo a uma velocidade tremenda. As pessoas da aldeia a chamavam agora mais do que antes de subir, porque todos estavam se perguntando onde ela havia deixado a criança. Eles estavam bem familiarizados com ambos e conheciam sua história. Quando ouviu da porta e das janelas: "Onde está a criança?" "Onde você a deixou, Deta?" e assim por diante, ela respondia cada vez com mais relutância: "Ela está com o Tio do Alpe - com o Tio do Alpe!" Ela ficava muito irritada porque as mulheres a chamavam de todos os lados: "Como você pôde fazer isso?" "Pobre criaturinha!" "A ideia de deixar uma criança

tão indefesa lá em cima!" e, uma e outra vez: "A pobre coitada!" Deta correu o mais rápido que pôde e ficou feliz quando não ouviu mais chamados, porque, para falar a verdade, ela própria estava inquieta. Sua mãe pediu a ela em seu leito de morte para cuidar de Heidi. Mas ela se consolou com o pensamento de que poderia fazer mais pela criança se pudesse ganhar algum dinheiro. Ela estava muito feliz por se afastar das pessoas que interferiam em seus negócios e aguardava com grande prazer seu novo lugar.